

**“NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA” – OS DESAFIOS DO ENSINO DE
HISTÓRIA DIANTE DA ATUAL REALIDADE ESCOLAR.
'IS NOT DEAD HE WHO FIGHTS' - THE CHALLENGES OF TEACHING
HISTORY IN FACE OF THE CURRENT SCHOOL REALITY**

Valeska Garbinatto¹

Resumo:

A presente análise propõe-se a discutir as formas de construção das relações humanas no ambiente escolar que constroem significados para o conhecimento que é incessantemente construído e reconstruído pelos seus múltiplos agentes. Para além do conjunto de competências que a disciplina histórica e as demais devem desenvolver, ou sobre as prescrições que as instituições públicas federais, estaduais e municipais nos impõem, ou ainda sobre a inexistência de uma política de valorização da figura do docente; apontamos para a necessidade de discutirmos a importância do vínculo emocional a ser construído entre o docente e seu aluno, de como isso faz a diferença entre o interesse e o desinteresse não pelo estudo propriamente dito, mas pelo processo educacional como um todo.

Palavras-chave: Ensino de História; Realidade Escolar; Vínculo Emocional

Abstract:

The present analysis intends to discuss the ways of building human relationships in the school environment which builds meanings for knowledge, and is continually built and rebuilt by its multiple agents. Over and above the set of competences which history discipline and others must develop, or on the requirements that public institutions (federal, state, and municipal) impose on us; or even on the absence of a policy of teacher's valorization; we point out the need to discuss the importance of emotional bond building between teacher and student; on how it makes the

¹ Licenciada pela UFRGS, Professora da rede pública estadual de ensino lecionando atualmente: Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Elpídio Ferreira Paes e Escola Estadual de Ensino Fundamental Alceu Wamosy, ambos em Porto Alegre. Possui Especialização em História Contemporânea/FAPA e Supervisão Educacional/FAPA. Aluna da especialização em História Africana e Afro-Brasileira/FAPA.

difference between interest or disinterest not by the study itself, but by the educational process as a whole.

Keywords: History Teaching; School Reality; Emotional Bond

SITUAÇÃO I: “ELES NÃO SABEM NADA”

Uma das frases mais comuns escutadas e proferidas nas salas de professores sobre os nossos alunos é a que abre este tópico: “eles não sabem nada”, dita num tom entre a indignação e a perplexidade.

Então analisemos o que subjaz a esta idéia. De um lado há a inexistência de um conjunto de conhecimentos prévios sobre o conteúdo da série anterior àquela que estamos lecionando. Ora se o aluno se encontra na 5ª série do Ensino Fundamental ele não sabe nada do que deveria ter sido ensinado na série imediatamente anterior e assim progressivamente. Quando este mesmo aluno estiver na 6ª série do Ensino Fundamental espera-se que ele tenha aprendido o que era o conteúdo no ano anterior...

Na realidade, não é isso que acontece, mas justamente o contrário. Inusitadamente nossos alunos sabem menos sobre os ditos conteúdos curriculares da disciplina de História a cada ano, por mais esforços que seus professores façam, ou seja: nós.

O que estará acontecendo ou deixando de acontecer em nossas salas de aula?

SITUAÇÃO II: “ELES NÃO QUEREM NADA COM NADA”

Outra das frases costumeiras diz respeito a falta de vontade em aprender e em estar na escola para aprender que nossos jovens apresentam. Diante de um professor com um vasto potencial de explicações ou diante de um quadro repleto de informações absolutamente úteis, nossos amados alunos perguntam: a que horas irá tocar o sinal ou se algum professor faltou (o que avança a hipótese de um período vago). A mesma desmotivação ou falta de interesse se manifesta quando temos a proposta de um trabalho em que a participação efetiva é solicitada, só há mobilização do alunado diante das ameaças de perda de nota ou diante do pedido implorado do professor: nós.

Quando não são essas situações são outras relacionadas a indisciplina e a “bagunça” durante as aulas... Quem já não viu sua proposta de aula naufragar num mar de conversas e sussurros, sem ter a menor chance de iniciar e finalizar um raciocínio coerente? Ou então escutar piadinhas sobre o conteúdo inúmeras vezes iniciado e jamais desenvolvido da maneira correta; que nós consideramos correta!

A resposta se encontra em uma única frase proferida aos prantos contidos: “eles não querem nada com nada”...

SITUAÇÃO III: “ELES VÊM PARA A ESCOLA PARA O SOCIAL”

Esta é um ícone dos novos tempos: “eles vêm para a escola para fazer um social ou só para o social”. O sentido está claro: os nossos jovens só reconhecem uma função para a escola: a reunião dos amigos, o bate-papo na hora do recreio, a saída da sala de aula para o corredor quando da troca de períodos, as conversas bem humoradas durante as aulas (em geral enfadonhas e desinteressantes).

Não raro professores reclamam de alunos que demoram a voltar para sala após a troca de períodos ou de alunas que insistem em fazer da sala de aula um espaço de beleza (retocando o

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 156 a 168, jul./dez. 2009](#)

batom com seu espelhinho de bolso ou ajeitando o esmalte das unhas ou mesmo penteando as melenas), enquanto o professor espera pacientemente (às vezes não tanto) fazer a chamada e iniciar por fim a sua aula.

SITUAÇÃO IV: “ELES NÃO LÊM”

Temos aqui mais um hit de todos os tempos: “eles não lêem nada”, seguida quase sempre de uma “eles não sabem ler, nem interpretar”... Mais do que decifrar os signos lingüísticos nos deparamos aqui com a total ausência de capacidade de interpretação que um texto, uma palavra ou mesmo uma vírgula apresenta para o leitor atento ou devidamente treinado.

Muitos professores já estabeleceram verdadeiros diagnósticos sobre a incapacidade de ler de seus alunos: problemas na alfabetização (o mais usual nos últimos tempos é o analfabetismo funcional) ou déficits de atenção (apresentando os hiperativos e os “faísca atrasada”). É claro que nenhum destes diagnósticos é de todo inverídico, afinal existem meios e instrumentos adequados para verificação da leitura realizada...

Mas a questão mais profunda é que ao proferir esta frase nós professores estamos dizendo que nossos alunos não realizam leituras mais aprofundadas sobre os conteúdos ou temas por nós exaustivamente trabalhados, ou mesmo que esses alunos não desenvolvem por si mesmos o gosto pela descoberta que a leitura pode proporcionar.

Não raro esses jovens reclamam ao ler um minúsculo texto de 20 linhas, na realidade se o texto apresentar mais de cinco linhas já parece um tormento... O que nos remete ao problema de ter de realizar o seu próprio texto a partir do que interpretou ou entendeu, aí sim nossos alunos quase morrem...

ANÁLISE DAS SITUAÇÕES... OU INICIANDO UM DEBATE...

Há um certo mal-estar na Educação nos últimos anos que vai muito além da falta de verbas públicas, de melhoria nos salários e condições de trabalho docente, da inexistência de um espaço destinado à formação continuada de profissionais, do aumento das exigências que os docentes devem atender diariamente junto aos alunos... E esse mal-estar não se encontra fora de nós, na realidade socioeconômica em que nos encontramos.

A escola já não é mais o que deveria ser, ou que havia se proposto a ser, não representa mais uma ilha de possibilidades e de progresso, um espaço em que o simples fato de estar dentro dela representaria uma mudança significativa nas condições de vida de um jovem das camadas populares.

Nós professores perdemos status de detentores do conhecimento acumulado pela sociedade através dos tempos, não somos mais os guardiões de um saber e de suas formas de transmissão, não somos mais um exemplo a ser seguido.

Estamos vivendo um momento único em que cada um de nós é posto a prova em suas crenças mais íntimas, as certezas estão ruindo uma a uma. Como categoria profissional nossos sindicatos perderam credibilidade perante seus membros (é só fazermos uma projeção das presenças e do número de associados em cada uma das reuniões e assembleias do SINPRORS e do CPERS), somos mal-remunerados e continuamos a trabalhar (nem sempre por “amor a camiseta” mas por necessidade de termos de onde ganhar a camiseta).

Diante disso o que nos resta como profissionais? O que nos possibilita o trabalho diário com centenas de jovens, igualmente pressionados pela realidade empobrecida de nosso país, de nosso estado, de nossa cidade?

Sinceramente gostaria de dizer que “eu não tenho nada a ver com isso que aí está: a corrupção, a pobreza, as reformulações nas propostas do MEC, o sistema de cotas universitárias, a guerra no Iraque, a eleição fraudulenta de Bush, o aquecimento global, a reeleição do Lula, a

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 156 a 168, jul./dez. 2009](#)

greve do funcionários municipais de Porto Alegre...” e penso que todos vocês também desejariam sinceramente poder dizer isso...

Mas não podemos. Simplesmente não podemos. Não podemos fechar os olhos e nossa consciência para uma realidade que tem sido forjada por nós, por nossos pais, avós, por todos aqueles que como nós se recusam ou se recusaram a assumir as responsabilidades por suas escolhas políticas...

E o que isso tem de relação com as quatro situações enunciadas anteriormente? E o que isso tem a ver com a Educação? Ou com o que eu faço em sala de aula? Alguns de vocês me questionarão...

Tranqüila, como água de poço, eu respondo: tudo!

Nosso desempenho como profissionais, nossas escolhas pedagógicas, nossas escolhas como orientadores e educadores refletem esse estado de coisas em que vivemos...

O QUE É O ESPAÇO ESCOLAR?

Numa das escolas em que trabalho logo na entrada do prédio principal há um cartaz, um dos poucos, que diz assim: “Aqui nós fazemos amigos, estudamos, rimos, brincamos, conversamos... Aqui se é feliz!” É um cartaz simples, sem desenhos ou fotos ou imagens ou cores muito vibrantes, apenas letras reunidas formando palavras e frases, mas foi a primeira coisa que vi quando entrei nessa escola... E é a primeira coisa que se lê quando se entra no prédio de aulas...

Numa outra escola em que atuo as paredes dos corredores sempre apresentam trabalhos dos alunos, sempre há algum cartaz exposto sobre qualquer tema, desde que seja feito por um aluno, e existe um mural com fotos feitas pelo PM residente sobre o cotidiano da escola... Num scrap (no meu orkut) de um de meus ex-alunos ele me disse que sentia falta do colégio agora que havia

concluído o ensino médio, ele disse mais ou menos assim: “às vezes era chato, mas vocês estavam lá, até para nossa encheção de saco...”

Partindo dessas duas colocações podemos pensar o espaço escolar como sendo um local em que nós e nossos alunos passamos de quatro a oito horas diárias, às vezes bem mais, convivendo com indivíduos dos mais diferentes matizes sociais e culturais, desfrutando de atividades lúdicas, de sociabilidades isoladas (e deslocadas) por algumas horas do espaço da rua ou do bairro... Não nego que o ambiente escolar seja um espaço físico em que as estruturas sociais se reproduzem em escala menor, mas por estar isolado do exterior e apresentar regras próprias ele apresenta uma configuração de inter-relações diferenciada.

Nesse ambiente em que os pais ou a família só entram quando convidados (leia-se intimados), em que os mais calados se tornam falantes, em que professores e funcionários de nível médio devem coabitar e desenvolver um programa de trabalho coeso, em que se experimentam as primeiras possibilidades de autonomia na escolha das parcerias para trabalhos, amizades ou vida afetivo-amorosa; nós somos chamados a conduzir um processo de Educação Formal de acordo com o que a Sociedade Civil espera que seja estabelecido para a formação de um cidadão pleno e consciente.

Da educação infantil ao ensino médio nossas crianças e jovens devem vivenciar dentro do espaço escolar: hábitos de higiene, hábitos e posturas socialmente aceitas (desde como segurar uma colher na hora da merenda até aprender a dar a descarga no banheiro, incluindo o uso de expressões de cortesia), desenvolver o processo de alfabetização, adquirir noções de matemática, história, geografia, língua estrangeira aplicadas as necessidades da vida diária, aprender a lidar com as diferenças entre os seres humanos, exercitando o Respeito Mútuo, a Cortesia, a Solidariedade, a Ética...

Se não me engano esse tem sido o papel da Escola durante mais de 100 anos, ou não? E nem se quer mencionei as idéias de formação ou consolidação da Identidade Nacional que perpassaram a criação da Escola Pública!

Os profissionais da educação que trabalham nas séries iniciais do Ensino Público sempre tiveram esse processo “civilizatório” bem definido, na realidade todos nós sempre sabemos que a escola era a grande promotora desse processo...

Então: o que mudou?

VOLTANDO ÀS SITUAÇÕES-PROBLEMA OU AO PROBLEMA QUE AS SITUAÇÕES PROPÕE

Todos os anos letivos começam com o dito período de sondagem, este é destinado a verificar os conhecimentos adquiridos no ano anterior pelos alunos das várias séries que uma escola apresenta. A sondagem é marcada por uma série de testes, trabalhos e “conversas” com as turmas sobre o que foi visto, tecnicamente ao final da sondagem, e do preenchimento dos formulários de avaliação, devem ser propostos os conteúdos e atividades que vão permear o processo de ensino de todas as matérias sempre tendo em mente as reais necessidades apresentadas; o que vale dizer que se for diagnosticado que determinados conteúdos não foram apreendidos no ano anterior eles deverão ser recuperados imediatamente no ano seguinte pelo novo professor.

No entanto, não é assim que se procede. Realmente são preenchidos formulários e diagnósticos são redigidos, não de forma muito clara, nem com uma perda de tempo maior do que dez minutos para cada turma, mas a prática docente revela que não há uma recuperação do que não foi trabalhado anteriormente... E porque isso está ocorrendo?

A pergunta não está relacionada à inexistência de um trabalho de construção de bases para que o aprendizado se constitua, nem tampouco ao fato de nossos alunos não saberem nada. Mas questiono o porque de mesmo nós, que somos a nova geração de professores, estarmos tão bem enquadrados no sistema burocratizado de preenchimento de formulários e cobrança de conteúdos que não leva a lugar nenhum?

Então, vejamos...

Constatamos que nossos alunos nada aprenderam no ano anterior. E para tornar ainda pior a situação: ao entrarmos em sala de aula percebemos que nossos alunos não querem nem saber de nossas aulas, que há uma recusa tácita em aprender o que ensinamos, a despeito de todos os nossos esforços.

O que nós fazemos?

Além de ameaçá-los com a perda de notas ou com a saída da sala de aula (que para eles não é uma punição real); além de alterar o tom de voz diante das conversas (muitas vezes estamos aos berros), ou de anotar os nomes dos indisciplinados, ou de encaminhar para o SOE... O que nós fazemos?

Quantas vezes nós estaremos dispostos a modificar o nosso método de trabalho para cativar a atenção e o interesse de nossos alunos? Quantas vezes nós estaremos dispostos a pensar e aplicar textos e tarefas diferenciadas para alunos e turmas diferenciados? Quantas vezes nós estaremos dispostos a conversar com nossos alunos sobre o que eles pensam sobre o assunto de nossa aula (nem sempre tão bem planejada assim)? Ou melhor: quantas vezes nós estamos dispostos a simplesmente conversar com eles?

E porque coloco a responsabilidade em Nós? Talvez, porque nós somos os adultos dentro da sala de aula? Talvez porque fomos nós que estudamos e nos preparamos para pensar o processo de ensino (quando se pensa que estamos ensinando é claro...)? Talvez, porque somos os únicos que temos consciência do que deve ser feito em termos de trabalho pedagógico e não os adolescentes ou as crianças que estão nos bancos escolares?

Quando penso e problematizo as frases “eles não sabem nada” e “eles não querem nada com nada”, percebo que ambas revelam um desencanto profundo e aceito de que não há alternativas, já que nossos alunos não querem aprender o que estamos por ensinar... O que me provoca uma tristeza muito grande diante não dos meus alunos, mas diante dos meus colegas...

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 156 a 168, jul./dez. 2009](#)

Por outro lado, e agindo como advogado do diabo, eu perguntaria (e muitas vezes fiz essa pergunta abertamente aos meus colegas): porque pensamos que podemos ensinar alguma coisa tão melhor do que aquilo que eles vivenciam todos os dias? De onde vem essa crença, quase mítica, de que nós estamos ensinando algo valioso e útil, pelo simples fato de saber onde e em que páginas do livro didático devem ser achadas as respostas?

Não deixa de ser alentador e confortável perceber que não há alternativas à realidade que se impõe... A realidade nos esmaga e impede de ir adiante, cabe, portanto, continuar esperando que as coisas mudem por si mesmas...

O problema é que nada mudará se não mudarmos nós...

Isso já foi dito centenas de vezes desde que ingressei na graduação em História, e antes mesmo durante o curso de Magistério, então porque continuo a escutar esta frase e a repeti-la? Talvez porque seja a mais pura realidade...

Nenhum curso de formação docente vai apresentar uma disciplina que ensina a como lidar com a falta de interesse de nossos alunos, ou como devemos nos comportar diante de alunos que chegam até nós visivelmente alterados pelo consumo de drogas ou álcool, ou como devemos lidar com os alunos vindos da 4ª série diretamente para a 5ª série do ensino fundamental (apresentando um comportamento mais infantil e dependente da figura do professor), infelizmente para estas situações somente nós e nossa capacidade para lidar com o inesperado irá nos auxiliar, e se tivermos sorte o Serviço de Orientação Educacional nos dará um apoio...

Mas uma coisa nossos cursos de formação nos ensinaram: a encarar a realidade como um objeto de pesquisa constante, a investigar as origens, a analisar os fatos, a buscar respostas, a entender que as relações humanas se dão em espaços sociais (e materiais) construídos historicamente por seres humanos e que, portanto, revelam interesses intenções e projetos de vida, de mundo e de sociedade!

PROCURANDO CAMINHOS E CONTORNANDO OBSTÁCULOS...

Se contabilizássemos as horas que nós e nossos alunos passamos dentro do espaço físico que representa a escola provavelmente nos daríamos conta de que boa parte de nosso tempo se esgota entre suas paredes e muros. A falta de interesse por nossas aulas ou pelos conteúdos que foram programados para cada série de ensino, a distância (quando não abismo) entre a realidade cotidiana e o que é proposta nas aulas, a insistência em considerar que aula boa é aquela em que o professor consegue vencer o conteúdo e que para isso os alunos devem escutá-lo criam um ambiente propício a fuga e a deserção! Não é por acaso que nossos alunos prefiram conversar, esticar o tempo de recreio, andar pelos corredores nos intervalos.

Mas se conseguirmos direcionar o nosso olhar e percebermos que o fundamental na escola são as relações humanas e sociais que lá construímos, talvez possamos acreditar em novas possibilidades de trabalho. Quando questionada por meus alunos sobre os motivos que me fizeram optar pelo magistério, sempre fico em dúvida de qual seria a resposta mais honesta...

Infelizmente, não foram meus professores que influenciaram esta decisão tampouco foi o grande desejo de mudar o mundo (embora ele exista em mim). Olhando para trás posso perceber que foi na escola que encontrei meus melhores (e mais antigos) amigos, era lá que eu podia ser eu mesma, onde as pessoas que tinham os mesmos problemas que eu me ouviam e falavam coisas que faziam sentido... Eu buscava um espaço no mundo que fosse diferente daquele que meus pais ofereciam... Eu queria sinceramente poder construir um lugar assim para outras pessoas... Lamento que esta não soe como uma resposta politicamente engajada.

Em que ponto desejo chegar, vocês devem estar querendo me perguntar...

No ponto em que são as relações humanas que constroem significados para o conhecimento que é incessantemente construído e reconstruído: professor e aluno, aluno e aluno, professor e funcionário, funcionário e aluno, aluno e aluno, professor e pais, pais e aluno e professores e funcionários. Quando pelo nosso exemplo conseguimos cativar nosso aluno (e toda comunidade escolar) para nossa busca pelo conhecimento, pela descoberta de novas possibilidades de se

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 156 a 168, jul./dez. 2009](#)

compreender a vida, ele não só aprende/entende História, mas aprende/entende que História se liga a todas as demais disciplinas do Currículo (ou do que é prescrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais). Nas linhas estamos ensinando a matéria, mas nas entrelinhas estamos formando seres humanos capazes de se relacionarem mais e melhor com o mundo, ou estamos inviabilizando isso...

É interessante notar que durante todo o curso de Magistério nos foi enfatizado a importância do vínculo emocional a ser construído entre o docente e seu aluno, de como isso faz a diferença entre o interesse e o desinteresse não pelo estudo propriamente dito, mas pelo processo educacional como um todo: o carinho verbal e físico visto como um elo a ser fortalecido. O surpreendente que este elo passa a ser considerado um motivo de desordem e de enfraquecimento da figura de autoridade que o professor deve representar numa sala de aula por parte da maioria de nossos colegas.

Estamos debatendo há anos a necessidade autonomia por parte de nossos alunos para a construção do conhecimento, ou sobre o conjunto de competências que a disciplina histórica e as demais devem desenvolver, ou sobre as prescrições que as instituições públicas federais, estaduais e municipais nos impõe, ou ainda sobre a inexistência de uma política de valorização da figura do docente... E esquecemos que um gesto de afeto e ternura talvez seja a diferença que fará com que nossos alunos nos vejam como humanos e se reconheçam como tais num processo de humanização constante, em que nos tornamos Humanos por nossas escolhas, gestos, palavras, olhares, lágrimas, vozes...

REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Será o professor de história um educador?* Passo Fundo/RS: Revista História: Debates e Tendências, vol. 4, nº 1, julho, 2003.

CAIMI, Flávia Eloisa. *A crise da escola e o “mal-estar” docente.* Passo Fundo/RS: Revista História: Debates e Tendências, vol. 4, nº 1, julho, 2003.

DELORS, Jacques (et.al.). *Educação um tesouro a descobrir: Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.* Brasília/DF. Cortez Editora/UNESCO/MEC. 1998. 208p.

HICKMANN, Roseli Inês (et. Al.). *Estudos Sociais: outros saberes e outros sabores.* Porto Alegre/RS: Mediação, 2002. 160p.

LUCINI, Marizete. *Tempo, Narrativa e Ensino de História.* Porto Alegre/RS: Mediação, 1999. 162p.

MATOS, Junot Cornélio. Nós que não temos medo (pensando a formação docente). In: *Um Balanço educacional Brasileiro.* Brasília/DF: Revista de Educação AEC, vol. 27, nº. 108, julho/set, 1998.

MEINERZ, Carla Beatriz. *História Viva: a história que cada aluno constrói.* Porto Alegre/RS: Mediação, 2001. 94p.